Universidades Lusíada

Azevedo, Francisco de Simas Alves de, 1907-

Os brasões de armas do 19.° Duque de Bragança (depois El Rei D. Carlos I) e de sua esposa

http://hdl.handle.net/11067/5530

Metadados

Data de Publicação 2009

Resumo O presente artigo incide sobre as armas de que D. Carlos fez uso enquanto príncipe real e duque de Bragança, antes de ascender ao trono em 1889. O príncipe recorreu às armas primitivas da Casa de Bragança, criadas no século XV para D. Afonso, primeiro duque, e abandonadas por D. Jaime, quarto duque. Após este abandono, tais armas apenas continuaram a ser usadas pelos descendentes colaterais dos três primeiros duques. Foi D. Pedro IV quem, em 1832, depois de ter abdicado dos tronos português e br...

Current article discusses the issue of the coat of arms used by Charles while crown prince and duke of Braganza, before ascending to the throne in 1889. The prince appealed to the primitive coat of arms of the House of Bragança, created in the 15th century for Alphonse, the first duke, and abandoned by James, the fourth duke. Such coat of arms after they ceased to be used by the dukes was only used by the collateral descendants of the first three dukes. It was only Peter the 4th who in 1832, aft...

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 05-6 (2009)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-29T00:33:37Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

OS BRASÕES DE ARMAS DO 19.º DUQUE DE BRAGANÇA (DEPOIS EL - REI D. CARLOS I) E DE SUA ESPOSA

Francisco de Simas Alves de Azevedo
Academia Portuguesa da História
Académie Internationale d'Héraldique

Resumo

O presente artigo incide sobre as armas de que D. Carlos fez uso enquanto príncipe real e duque de Bragança, antes de ascender ao trono em 1889. O príncipe recorreu às armas primitivas da Casa de Bragança, criadas no século XV para D. Afonso, primeiro duque, e abandonadas por D. Jaime, quarto duque.

Após este abandono, tais armas apenas continuaram a ser usadas pelos descendentes colaterais dos três primeiros duques. Foi D. Pedro IV quem, em 1832, depois de ter abdicado dos tronos português e brasileiro mas não do título de duque de Bragança, as recuperou para seu uso próprio. D. Carlos renovou tal prática, provavelmente ao receber o mesmo título ducal. Depois do seu noivado e casamento com D. Amélia de Orléans, estas armas da Casa de Bragança foram amiúde conjugadas com as de Orléans ou de França.

Palavras-chave

D. Carlos I / Duque de Bragança / Rainha D. Amélia / Heráldica

Abstract

Current article discusses the issue of the coat of arms used by Charles while crown prince and duke of Braganza, before ascending to the throne in 1889. The prince appealed to the primitive coat of arms of the House of Bragança, created in the 15th century for Alphonse, the first duke, and abandoned by James, the fourth duke.

Such coat of arms after they ceased to be used by the dukes was only used by the collateral descendants of the first three dukes. It was only Peter the 4th who in 1832, after having abdicated to the thrones of Portugal and Brazil, but not of the title of duke of Braganza took them for its proper use. And so did Charles probably when he was granted the same title. After its engagement and marriage with Amelia of Orleans, such coat of arms of the House of Bragança was frequently conjugated with the ones of Orleans or France.

Key-words

Charles the 1st / Duke of Braganza / Queen Amelia / Heraldry

FSAA.indd 45 14-09-2009 13:54:18

As armas que El Rei D. Carlos usou quando príncipe herdeiro e como tal, duque de Bragança, foram as que os heraldistas designam por primeiras armas da Casa de Bragança.

Que se deverá entender por tal?

D. Afonso, filho bastardo do depois rei D. João I, conde de Neiva em 1391, também - por doação do sogro Nuno Álvares Pereira em 1401 - conde de Barcelos, e por fim, em 1442, 1.° duque de Bragança (nascido c. 1377, falecido em 1461), adoptou por armas: de prata, aspa, ou cruz de Santo André, de vermelho, carregada de cinco escudos das armas do reino de Portugal[1], e por timbre um cavalo sainte[2] vermelho[3] ou branco com três lançadas de vermelho no pescoço[4].

A organização destas armas tem afinidades com um sistema usado para armas de bastardos, nos séculos XIV e XV, nas casas reais de Inglaterra, de França e ducal de Borgonha.

Sistema pelo qual se colocavam as armas paternas numa figura geométrica *(peça honrosa,* na expressão heráldica) deixando-se o resto do campo geralmente em branco (prata).

Bem conhecidos contactos quando do prolongamento da guerra dos 100 anos para a península Ibérica (ou as viagens que sabemos terem sido feitas pelo futuro 1.° duque de Bragança) explicarão tais afinidades, tal como explicam outras novidades da heráldica portuguesa da época.

A razão da escolha da aspa é, segundo um autor seiscentista, Francisco Soares Toscano[5], «symbolo de afflição em que (D. Afonso) se vira em a tomada da famosa cidade de Ceita...» e «... elle pelo aperto em que se vira tomou (chegado ao reino) por armas a aspa vermelha». Como D. Afonso certamente já usava as armas antes desse momento dada a sua idade, podemos pensar que arvoraria apenas os escudetes com besantes, omitindo a bordadura dos castelos, por diferença de bastardia, prática de que há exemplo na 1.ª dinastia.

[1] Fonte fidedigna é o baixo relevo do topo do túmulo de sua mulher D. Brites Pereira, falecida em 1414, na igreja do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde. Para as cores, os armoriais quinhentistas.

[2] Os desenhos dos selos de seus filhos D. Afonso e D. Fernando, *usados em vida do pai,* publicados por D. ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA, assim o levam a pensar.

[3] Ver o chamado Livro da Torre do Tombo.

[4] Em armoriais seiscentistas e num setecentista.

[5] Em *Parallelos de Principes...,* Lisboa, 1623, citado por ARMANDO DE MATOS.

FSAA.indd 47 14-09-2009 13:54:19

A explicação dada por Toscano, talvez o possa ser, também, a da escolha da cor vermelha, sobre a origem da qual nunca encontrei referência. Lembro, no entanto, que era uma das da libré de D. João I.

O cavalo, esse seria, segundo o notável heraldista Villas Boas e Sampayo, na sua *Nobiliarchia portuguesa* (1676) o timbre antigo dos Pereiras, afirmação não confirmada.

Estas armas têm tido, desde o século XV, variantes no seu desenho e, assim, encontramos ora escudos das armas do reino de Portugal, completas ou sem a bordadura dos castelos, ora escudetes com dez besantes, ora com cinco besantes (quinas), com, ou sem, bordadura. Tais variantes devem explicar-se pelo espaço, maior ou menor, de que o artista dispunha, ou por confusão com as armas reais.

Destas armas fizeram uso não só os três primeiros duques de Bragança, como seus descendentes.

Ou seja os descendentes do filho primogénito do 1.° duque (não sucedeu na casa; faleceu antes do pai, com geração ilegítima), D. Afonso, conde de Ourém e marquês de Valença, progenitor dos que, com o apelido Portugal, receberam o condado de Vimioso e muito mais tarde, de novo, o marquesado de Valença; os descendentes de D. Álvaro, irmão do 3.° duque de Bragança, os quais, com o apelido Melo (chamando-se vários Nuno-Álvares-Pereira), depois Álvares Pereira de Melo, receberam o condado de Tentúgal, o marquesado de Ferreira, por fim, o ducado de Cadaval; e os descendentes de D. Afonso, conde de Faro, também irmão do 3.° duque, uns com o apelido Noronha, que sucederam no condado de Odemira, outros com o apelido Faro, que vieram a ser condes do Vimieiro.

Note-se que alguns dos mencionados acrescentaram sobre a aspa, as cruzes de Pereira, entre os escudos.

O 4.° duque D. Jaime, porém, abandonou estas armas adoptando a forma diferenciada das armas reais usada pelos infantes, modalidade que timbrada pelo régio dragão, ouro ou verde, será usada pelos seus sucessores até ao 8.° duque que, proclamado rei de Portugal no 1.° de Dezembro de 1640, com o nome de D. João IV, adoptará, evidentemente, as armas reais.

A mudança de armas do 4.° duque explica-se pelo facto que neto-materno dum infante de Portugal, e sobrinho-matemo do rei D. Manuel I, era o presuntivo herdeiro deste no momento da subida ao trono do tio, ainda solteiro. Quando, mais tarde, D. Manuel I casou, e teve abundante descendência, o duque de Bragança, perdida embora a qualidade de herdeiro, manteve o uso das armas referidas, certamente com a permissão do tio.

Influenciado por tudo isto, é de crer, um armorialista do século XVII, Manuel da Purificação Magalhães, atribuiu *erradamente* às armas dos três primeiros duques, como timbre, uma serpe de ouro...

Com a subida ao trono do 8.° duque de Bragança à Casa de Bragança passa legalmente a pertencer ao príncipe herdeiro da coroa, o qual usará, porém, as armas reais com a diferença de príncipe (ou, até, sem diferença nenhuma) timbradas com o dragão real.

FSAA.indd 48 14-09-2009 13:54:19

Não existindo príncipe herdeiro entendia-se que o ducado estava temporariamente confiado ao próprio soberano.

D. Pedro d' Alcântara será príncipe herdeiro e duque de Bragança de direito desde 1816 (morte da avó D. Maria I), imperador do Brasil (D. Pedro I) em 1822, rei de Portugal (D. Pedro IV) em 1826, reino de que abdica no mesmo ano em sua filha D. Maria da Glória (D. Maria II de Portugal), abdicando em 1831 o império em seu filho D. Pedro (D. Pedro II do Brasil).

Abdicado o império do Brasil, passando a ser, apenas como o declara a sua filha - «um general português que vai defender os seus direitos e restituir-lhe a Coroa»[6] adopta o tratamento e título de «Sua Majestade Imperial o senhor D. Pedro, duque de Bragança».

O ducado fora efectivamente seu, como se viu acima, mas uma vez abdicada a coroa portuguesa passaria a estar, pelo menos teoricamente, confiado a D. Maria II, até ao nascimento do herdeiro desta.

Mas D. Pedro entendia, mesmo após a abdicação, que o ducado continuava seu, talvez devido à menoridade de sua filha; em carta a esta declara:

«.... privilegiados no número dos quais entro eu, como Chefe da Casa de Bragança»[7].

Esta adopção do título de duque de Bragança parece ter sido acompanhada pela das armas dos três primeiros duques, timbradas anacronicamente pelo dragão real.

É o que se conclui do estudo - realizado pelo meu prezado consócio e amigo o pintor José Bénard Guedes Salgado[8] - dum sinete do espólio da imperatriz D. Amélia. Esta senhora foi a 2.ª mulher de D. Pedro d' Alcântara, companheira da última fase da vida do Dador da Carta Constitucional, falecido, como sabido, a 24 Setembro de 1834, ao qual o objecto certamente pertenceu.

Quem aconselhou heraldicamente D. Pedro teria a mesma noção das armas primeiras dos duques de Bragança que o armorialista acima citado Manuel da Purificação Magalhães. E consideraria, com razão, que as armas segundas dos duques de Bragança não são, na realidade, da casa ducal, mas sim umas armas de quasi-infante, do temporário herdeiro dum rei, mantidas por conservadorismo, não incluídas no *Livro da Torre do Tombo.*

Tendo D. Pedro legado o seu coração à cidade do Porto, foi a entrega feita a 7 de Fevereiro de 1835 à Real Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, igreja escolhida por D. Maria II por ser a frequentada pelo pai, durante o cerco daquela cidade. Condigno monumento foi construído na capela-mor da dita igreja, certamente pouco depois de Fevereiro de 1835, para conter o escrínio dentro do

[6] Catálogo da exposição «D. Pedro d'Alcântara...», Palácio de Queluz, Maio-Outubro 1986, pp. 167 e 205.

[7] Idem.

[8] Em *Colecção de sinetes do Museu Nacional de Arte Antiga,* artigo no n.º 3 do vol. V, 1969, do «Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga».

FSAA.indd 49 14-09-2009 13:54:19

qual se encontra o «coração magnânimo»[9].

A decoração de tal monumento apresenta o maior interesse para o heraldista. Além de pedras de armas do reino de Portugal e do império do Brasil (curiosamente dando-se precedência ao reino em relação ao império), *avultam em lugar cimeiro, as armas primeiras dos duques de Bragança em escudo francês moderno ercimado por coroa ducal e timbrado pelo dragão.*

Menos de vinte anos depois, em 1852, uma medalha - de iniciativa particular - comemorativa da visita ao Porto da família real - a rainha D. Maria II, seu marido D. Fernando II (Fernando de Saxónia-Coburgo e Gotha) e os filhos - realizada a 29 de Abril desse ano, ostenta no reverso dois escudos, um com as armas dos três primeiros duques de Bragança, outro com as dos duques de Saxónia, conjuntamente encimados por coroa ducal moderna sobrepujada pelo dragão.

Esta composição é pouco feliz pois evoca-se a soberana, pelas armas primeiras dos duques de Bragança, que nunca usou (atribui-se coroa aberta a soberanos), e mantém-se o erro - já «institucionalizado» para D. Pedro - de timbrar as armas com o dragão.

De qualquer modo tem tal medalha o interesse de mostrar que as referidas armas não voltaram ao esquecimento, na linha dinástica, com o desaparecimento de quem fora D. Pedro IV.

Outro D. Pedro d' Alcântara (o futuro D. Pedro V), primogénito de D. Maria II, será o duque de Bragança de direito seguinte, desde o seu nascimento (1837) até à subida ao trono (1853).

Não é provável que tenha chegado a fazer uso das armas primeiras dos duques de Bragança, até porque ainda era menor quando subiu ao trono. Devo, porém, lembrar a presença de tais armas, com coroa aberta e timbradas pelo dragão, em pé de igualdade com as dos duques da Saxónia – tal como na medalha – na ornamentação do monumento a El-Rei D. Pedro V, na cidade do Porto.

Quem vai fazer uso, e muito - até em anel de sinete[10] - das armas em comentário será o duque de Bragança seguinte, o futuro rei D. Carlos.

D. Carlos fez uso de tais armas, provavelmente desde a sua maioridade, e tomada de posse da dita casa ducal, em 1884, certamente desde imediatamente antes do seu casamento em 1886.

---

[9] Como diz o ofício da Câmara Municipal do Porto à Real Irmandade de Nossa Senhor da Lapa. Agradeço reconhecido ao Ex.mo Amigo Senhor D. Fernando de Fontes a obtenção de publicações editadas pela Irmandade, de que é ilustre membro, cujo texto e ilustrações me foram muito úteis para este estudo.

[10] Informação dada pelo reputado heraldista Dr. ARMANDO DE MATOS, em *A Heráldica dos Braganças in Heráldica (estudos, notas e comentários)*, Porto, 1941, p. 63. O autor mostra estar convencido que o ressurgimento das armas dos primeiros duques de Bragança, no século XIX, se deve exclusivamente a El-Rei D. Carlos. Atribui tal ao «alto espírito» deste soberano, o qual compreendera que as armas reais já pertenciam mais ao Estado do que à família real. Essa situação criava a necessidade de armas familiares para a Casa Real. Sem pretender minimizar a inteligência do soberano afirmo que a iniciativa não foi sua, mas, como procuro mostrar neste estudo, tomada cerca de trinta anos antes do seu nascimento. O que o rei cobardemente assassinado em 1908 fez - quando príncipe herdeiro e duque de Bragança - foi continuar e desenvolver tradição que remontava a seu bisavô.

FSAA.indd 50 14-09-2009 13:54:19

Armas essas que foram pois as dos três primeiros duques de Bragança (frequentemente em escudo italiano, «testa di cavalo») encimadas por coroa ducal e timbradas pelo dragão.

O tipo italiano escolhido para o escudo explicar-se-ia por ser o duque filho de Maria Pia, princesa de Itália? Parece evidente a intervenção de artista estrangeiro, sendo de pensar, que tal se tenha verificado quando dos preparativos do casamento do príncipe herdeiro D. Carlos com a princesa francesa Amélia d' Orléans. (O «testa di cavalo» usara-se um pouco, em Portugal, mas no Renascimento e para «empresas» heráldicas).

Existem efectivamente várias espécies dizendo respeito a D. Carlos e a sua esposa «Amélia duquesa de Bragança» (como diz uma dessas espécies). Quando respeitantes, também, a esta última, num partido de que ocupam a 1.ª metade, sendo a 2.ª, França ou Orléans.

Algumas dessas espécies foram presentes do casamento de D. Carlos e D. Amélia, de que meritoriamente publicou desenhos Rocha Martins[11]. Mas outras se podem citar, e nem sempre com o escudo italiano, como por exemplo um painel de azulejos no jardim do Palácio de Queluz que ostenta a cores, o seguinte: escudo de tipo francês moderno, partido, 1 em fundo branco, aspa de vermelho, carregada de cinco escudetes azuis cada com cinco besantes brancos, 2 de azul, três flores-de-lis de ouro e um lambel do mesmo metal; coroa ducal, timbre: dragão de ouro.

A segunda metade, são, com lapso no metal do lambel, as armas dos duques de Orléans[12].

Na decoração de outro palácio real, o de Belém – aliás renovado para habitação do futuro rei D. Carlos e sua esposa a princesa Amélia de Orleans – encontramos representações das armas do dito casal[13].

Assim, no tecto da sala da Princesa (depois chamada dos embaixadores) figuram – em dois escudos neo-barrocos encimados por coroa aberta de 5 florões, esta por sua vez encimada por dragão – as primeiras armas dos duques de Bragança e um partido destas e das de França. Os tracejados convencionais indicam os mesmos esmaltes e metais que no azulejo acima citado. Também a

[11] Em *D. Carlos, história do seu reinado*, 1926, pp. 136 e 133.

[12] Quando, em 1883 faleceu o conde de Chambord (Henrique V pela abdicação do avô) chefe da linha primogénita da Casa de França (neto do último rei de França, Carlos X), o conde de Paris, pai de D. Amélia, chefe da linha colateral de Orléans considerou-se, por motivo de tal falecimento, chefe da Casa de França - ignorando as linhas espanholas da dita Casa, mais velhas - abandonou a diferença heráldica dos Orléans, o lambel de prata de 3 pés, passando a usar as armas plenas de França. D. Amélia, nascida antes da morte do conde de Chambord, mas casada depois, seguiu a tradição que manda a mulher casada usar as armas de seu pai, *como ele as usava no momento do casamento da filha.* Em certas fontes portuguesas de suas armas – talvez por o artista estar desactualizado ou... discordar da pretensão do conde de Paris, aparece o lambel.

[13] Sobre a decoração heráldica do palácio de Belém encontrei valiosas informações no texto e ilustrações (pgs. 73, 87 e 89) da obra *Arquitectura do palácio de Belém* da autoria de Diogo Gaspar, João Luís Carvalho da Graça, Lina Oliveira (minha prezada consócia na Associação dos Arqueólogos Portugueses e colega na Comissão de Heráldica da mesma associação) e Noémia Barroso, edição do Museu da Presidência da República, Lisboa 2005.

FSAA.indd 51 14-09-2009 13:54:19

lareira do *atelier* do príncipe tem decoração heráldica.

É um escudo francês moderno partido das armas ducais de D. Carlos e das de França, cinzelado em metal escuro, encimado pela coroa e dragão iguais aos acima referidos.

Possuo, na minha pequena colecção de botões brasonados, um que ostenta as armas primeiras dos duques de Bragança, em escudo francês moderno, com coroa ducal, timbrado pelo dragão.

Adquiri-o como sendo da libré da casa de D. Carlos, quando príncipe, atribuição que julgo de confirmar; verifiquei que, por diferentes razões, não poderá ser de nenhuma das famílias descendentes dos primeiros duques de Bragança que fizeram uso dessas armas.

Particularmente informativa - embora contendo erro por troca de cores - é a marca comercial duma antiga e prestigiosa empresa do ramo da doçaria, «Leonor Rosa da Silva Sucessor, Pão de Ló de Margaride, fornecedora da Casa Real, e Real e Ducal Casa de Bragança, Margaride-Felgueiras». O título parece repetitivo mas não o é, pois a referida empresa obteve, primeiro, em 5 de Dezembro de 1888, carta particular, *timbrada com as armas de suas Altezas Reais os Duques de Bragança,* concedendo-lhe as honras de fornecedora, e depois, em 22 de Abril de 1893, alvará de El-Rei D. Carlos nomeando-a fornecedora da Casa Real; tanto num documento como no outro, autorização do uso das armas, ducais primeiro, reais, depois.

E é exactamente o que vamos encontrar na dita marca que tenho diante dos olhos: dois escudos lado a lado, à esquerda do observador, as armas do reino de Portugal com coroa real fechada, à direita, em escudo italiano, igual ao das espécies a que já fiz alusão, de vermelho, aspa de prata carregada das cinco quinas, coroa ducal timbrada por um dragão; cores indicadas pelos tracejados convencionais[14].

A autorização de uso das armas ducais não foi só aproveitada - que eu saiba - para. a marca comercial; também um painel de azulejos por cima do balcão da loja, as ostenta em bom desenho colorido, mas infelizmente com a mesma troca nas cores[15].

Foi D. Carlos último duque de Bragança oitocentista. Efectivamente o duque de Bragança de direito, príncipe D. Luís Filipe, atingiu a maioridade já no século XX, 1906, sendo vilmente assassinado em 1908; não conheço por ora fonte heráldica que lhe diga expressamente respeito.

Concluindo este estudo julgo poder encarar o retomar das armas primeiras da Casa de Bragança - de emblemática surgida o mais tardar no século XV - por

[14] Agradeço ao bom amigo e ilustre consócio senhor Arquitecto Segismundo Pinto ter-me chamado a atenção para esta curiosíssima marca comercial, tendo-me trazido de Margaride uma publicação da empresa Leonor Rosa da Silva Sucessor na qual se reproduz a marca, e de que extraí estas notícias.

[15] Ilustração do artigo sobre o «Pao-de-ló» publicado, salvo erro, no *Magazine* do «Diário de Noticias», de data que não posso indicar.

FSAA.indd 52 14-09-2009 13:54:19

D. Pedro d' Alcântara, num contexto de romantismo medievalista, como uma manifestação de retorno às origens da sua estirpe, já bissecular quando ascendera ao trono em 1640.

Intenção de concretizar um retorno às origens bem própria do príncipe que, com a outorga da Carta Constitucional, pretendeu a ressurreição da organização tradicional da monarquia portuguesa, tão afastada do Absolutismo como do Vintismo.

A atribuição a descendentes de Pedro IV, o documentadíssimo uso pelo menos por um deles – D. Carlos – só os sei interpretar como sentido de continuidade e respeito pela memória do Dador da Carta Constitucional, pelo Fundador do Regime, encarado como paradigma de virtudes cívicas e militares, libertador e rei-soldado, cavalheiresco defensor duma juvenil Dama, privada de sua herança.

O uso do escudo «testa di cavalo» é uma pequenina nota de estrangeirismo, sempre mais ou menos presente na cultura portuguesa.

FSAA.indd 53 14-09-2009 13:54:19